Dia 10 — Santo Antonino, Bispo

Santo Antonino, a quem no batismo se pôs o nome de Antônio e depois, pela pequenez de seu corpo, chamaram Antonino, foi filho de Nicolau Pierozzi, notário da cidade de Florença, e de Tomásia, ambos de família honrada e um e outro recomendáveis por sua conhecida bondade. Nasceu no ano de 1389; e, como era filho único e seus pais eram tão virtuosos, dedicaram-se com o maior desvelo a dar-lhe uma cristã educação. Custou-lhes pouco trabalho, porque Antonino havia nascido com tão belas inclinações que a devoção parecia nele como natural. Chamavam comumente em Florença o menino Antonino de «o santinho»; não se o achando em casa, sabia-se que se o encontraria na igreja, e sempre de joelhos diante de uma imagem da santíssima Virgem. Em seu porte nunca se notou ação nem movimento pueril; sempre doce, sempre afável, dócil e modesto, nada havia que repreender em seus procedimentos. Teve toda a vida tanto horror ao pecado que se tem por certo que conservou até a morte a inocência batismal; devendo particularmente, como o confessava ele mesmo, à terna devoção que professava à santíssima Virgem a inviolável integridade de sua pureza.

Dedicaram-no cedo ao estudo, no qual fez maravilhosos progressos. Era de engenho vivo e penetrante, de memória feliz e de uma assombrosa aplicação ao trabalho, com o que adiantou muito numa idade em que outros mal sabem os primeiros rudimentos; mas o amor que tinha ao estudo das letras não podia competir com o que professava ao da importante ciência da eterna salvação.

Já havia tempo que, para satisfazer os desejos que tinha desde seus mais ternos anos de consagrar-se inteiramente a Deus, havia posto os olhos em algum claustro religioso. Mas entre todos era o objeto de suas ânsias o dos padres pregadores, onde reinava a sabedoria, o zelo da fé e uma exemplar observância. Acudiu ao famoso padre frei João Dominici, que depois foi cardeal, arcebispo de Ragusa e legado da Santa Sé no reino da Hungria, e pediu-lhe o santo hábito. Examinou-o este célebre pregador e ficou enfeitiçado da viveza de seu engenho, do candor e da inocência de seus costumes e dos ardentes desejos com que suspirava por ser admitido na religião de São Domingos; mas, vendo-o tão pequeno e tão menino, aconselhou-lhe que esperasse ainda alguns anos; e, para livrar-se de suas instâncias com alguma saída plausível, tendo entendido no discurso da conversação que gostava muito de ler o decreto de Graciano, acrescentou sorrindo: «Olha, estuda todo o direito canônico e, em o sabendo de memória, eu te dou palavra de que serás recebido.» Era muito dura a condição, e o padre Dominici só tentava por aquele meio despedir com honra o pretendente, tirando-lhe toda esperança de ser admitido; mas ficou surpreendido e assombrado quando dentro de poucos dias voltou Antonino a reconvir-lhe com sua palavra, dizendo que estava pronto a dar razão de todo o direito canônico. Com aquela extraordinária prova de sua quase milagrosa memória e habilidade, receberam-no logo os padres, sem reparar na

debilidade de sua compleição nem em seus poucos anos; e em breve tempo conheceram quanto valia o que haviam admitido.

O fervor do noviço serviu de religiosa emulação aos mais anciãos. Temia-se que não teria forças para resistir ao rigor da observância; mas deu-lhas seu alento, e em todas as ocasiões se mostrou o mais humilde, o mais obediente, o mais mortificado e o mais exato de toda a comunidade. Desde logo o olharam os frades como o mais cabal modelo da perfeição religiosa, em vista de suas abstinências, de suas vigílias, de seu desapego de todas as coisas, de sua aplicação ao estudo, de sua contínua oração, que era toda a sua ocupação e suas delícias, de sua devoção terna e fervorosa e de sua exatidão no cumprimento de todas as obrigações de seu estado.

Cresceu o fervor com a dignidade do sacerdócio. Sempre que celebrava o divino sacrifício, viam-no banhado em doces lágrimas que incessantemente fazia derramar de seus olhos o fogo do amor de Deus que o consumia e abrasava. Em vão tentaram moderar o rigor de suas penitências; sua vida foi um contínuo exercício delas; são e enfermo, dormia sempre na dura terra; e, ainda que se viu elevado aos maiores empregos da religião, quase sempre fez a pé todas as suas viagens.

Não obstante ser ainda muito moço, como a virtude suprisse a falta dos anos, fizeram-no prior do convento de Roma, o qual governou com tanta prudência, com tanta suavidade e com tanto acerto que lhe encarregaram sucessivamente o governo dos conventos de Nápoles, Gaeta, Cortona, Siena, Florença, Pistoia, Fiesole e de outras muitas cidades da Itália; renovou em todos eles o primitivo espírito da regra, mais com seus exemplos que com suas palavras.

Fizeram-no vigário geral da província da Toscana e depois da de Nápoles, sem que por isso diminuísse o rigor de suas ordinárias penitências. Humilhando-se mais quanto mais o elevavam, dava sempre princípio à visita dos conventos exercendo os ofícios mais baixos da casa; via-se tão confundido o vigário geral com os menores frades que só o maior fervor o distinguia deles.

Achava-se Antonino na visita da província de Nápoles quando vagou a cadeira episcopal de Florença. Por muito tempo levou a atenção do papa Eugênio o cuidado e a eleição de um sujeito digno que ocupasse aquela cadeira; resolvido a não dar ouvidos a empenhos, pretensões e parcialidades, pensava unicamente em dar a Florença um prelado santo; mas, mal lhe falaram do vigário geral dos pregadores, sem deter-se um ponto em deliberar nomeou-o arcebispo de Florença. Recebeu o santo a notícia voltando da visita e achando-se já num dos conventos de sua província; sobressaltou-se tanto com ela que, deixando de repente o caminho de Nápoles, sem dar-se por entendido, encaminhou-se às costas da Toscana, com resolução de embarcar-se para a ilha da Sardenha e passar nela desconhecido o resto de seus dias; mas já estavam tomados os portos, e o conduziram a Siena. Não houve meio de que não se valesse para livrar-se daquela dignidade; mas o papa não fez caso de suas razões e manteve-se inexorável a seus rogos; enviou-lhe as bulas, mandando-lhe que quanto antes se fizesse consagrar. Rendeu-se à obediência, fazendo-lhe o mais doloroso sacrifício, sendo as lágrimas que derramou durante a cerimônia de sua consagração o maior testemunho de sua dor e de que não achava outro consolo que o da resignação.

Arranjou sua família de maneira que, sem deslustre da dignidade episcopal, tudo cheirasse a religião e a modéstia. Pareceu-lhe que os pobres seriam seu melhor séquito e equipagem,

persuadido de que eram deles as rendas da mitra e de que o maior esplendor desta consistia em dar muitas esmolas. Mandou a seus criados que jamais despedissem pobre algum sem dar-lhe algo; e, depois de haver consumido em esmolas todo o dinheiro, viu-se-o lançar mão dos móveis e reduzir-se a si mesmo a uma extrema pobreza para socorrer os pobres. Fundou o colégio de São Martinho, em que estabeleceu doze administradores das rendas destinadas a socorrer famílias envergonhadas que, reduzidas à miséria, têm acanhamento de pedir; e lançou Deus sua bênção a esta obra pia de maneira que hoje se mantêm com ela mais de seiscentas famílias, provendo a todas as suas necessidades.

Correspondia o zelo à caridade. Todos os anos visitava o arcebispado, fazendo tanto fruto com sua modéstia, apacibilidade e exemplo como com suas exortações. Desterraram-se de todas as partes os abusos, reconciliaram-se as inimizades, exterminaram-se as desordens e reformaram-se os costumes. Nada se ocultava a sua vigilância nem burlava sua solicitude. Haviam-se introduzido em Florença os jogos que chamam de azar, com grande ruína das famílias; empreendeu o santo arcebispo desterrá-los e o conseguiu.

Certo herege disfarçado, que tinha fama de insigne médico e logrado com este título muita introdução nas casas particulares, aproveitava-se dela para semear dissimuladamente seus erros, vomitando com especialidade horríveis blasfêmias contra a santíssima Virgem. Chegou a entendê-lo Santo Antonino e ao ponto fez ver que o verdadeiro zelo, ainda que sempre doce e afável, sabe obrar com teima e com fortaleza quando se atravessam interesses da religião. Por mais protetores que teve o herege, o santo arcebispo manteve-se inflexível; e, não havendo querido converter-se aquele infeliz, foi condenado à fogueira.

Como o espírito de Deus era o primeiro móvel de todas as suas operações, Santo Antonino não se desmentiu jamais em sua conduta: dormia muito pouco e, ainda que velava até muito entrada a noite, todos os dias se antecipava aos cônegos na assistência às matinas. Quando voltava delas dava ao estudo o tempo que outros concediam ao descanso; depois da missa, que celebrava cada dia com devoção terna e sensível, dedicava-se inteiramente aos negócios do arcebispado até a entrada da noite, sem cessar de dar audiência a quantos se lhe apresentavam, mais que para ir visitar os pobres nos hospitais ou para administrar os sacramentos aos enfermos.

A todas as horas o encontravam visível, afável e acessível a todo o mundo, fazendo-se tudo para todos para ganhá-los todos. Igualmente dava audiência ao pobre e ao rústico que ao rico e ao poderoso, sem acepção de pessoas; achando-se sempre nele um diretor, um pastor e um pai, sem que acidente algum fosse capaz de alterar sua doçura e sua tranquilidade.

Tendo prendido um ministro do papa o conselho supremo de Florença e não tendo podido lograr o arcebispo que o pusessem em liberdade, mandou cessar o ofício divino na catedral à vista dos magistrados e pôs interdito à igreja. Por mais que o maltrataram, manteve-se inflexível; e, como o ameaçassem que o lançariam da cidade, mostrando o santo a chave da cela que ocupava no convento de Cortona e que trazia sempre pendurada da cintura, respondeu: «Se me obrigarem a sair de Florença, sempre terei onde retirar-me.»

Seus grandes negócios e ocupações nunca o apartaram do recolhimento interior nem do espírito de oração, e em meio deles estava como poderia no mais sossegado retiro. Além do ofício divino, o

da Virgem e os salmos penitenciais, que rezava todos os dias, rezava o ofício de defuntos duas vezes por semana e nos dias de festa todo o saltério inteiro. Em meio de tantas tarefas achou tempo para enriquecer a Igreja com excelentes obras, como são a *Suma doutrinal* ou teológica; a *Suma histórica*; a *Suma da confissão*; um tratado da excomunhão; o discurso sobre os discípulos quando iam ao castelo de Emaús e um tratado das virtudes, descobrindo-se em todas estas obras as maiores provas da pureza de sua fé, da santidade de sua doutrina, de sua grande virtude, erudição e sabedoria.

Estava tão estendido por toda a Itália o conceito de sua elevada santidade que acudiam os povos aos caminhos por onde se sabia que havia de passar para receber sua bênção. O papa Nicolau V disse publicamente que tinha por tão digno de ser colocado nos altares o arcebispo de Florença, estando vivo, como Bernardino de Siena, a quem ele mesmo acabava de canonizar depois de morto. Nomearam-no os florentinos para que levasse a voz numa solene embaixada que enviaram aos papas Calisto III e Pio II, reparando todos que quanto mais o cumulavam de honras mais humilde se fazia. Suplicaram-lhe que se encarregasse também da embaixada ao imperador Frederico; mas não o puderam reduzir, porque jamais se resolveu a sair de seu arcebispado não sendo pelos interesses da Igreja.

Tendo chegado à notícia do papa Pio II o grande fruto que havia feito em Florença com seu zelo suave, mas sempre fervente e eficaz, cortando de raiz os escândalos públicos, desterrando os jogos de azar e outras desordens inveteradas, quis fazê-lo da junta que havia formado para reformar os abusos de Roma; mas antes chamou Deus seu fiel servo para premiá-lo eternamente. Morreu com a morte dos santos no dia 2 de maio do ano de 1459, aos sessenta de sua idade e aos três de seu arcebispado. Achava-se então em Florença o papa Pio II e não só quis honrar com sua assistência o enterro do santo, mas concedeu sete anos de indulgência aos que concorressem a honrar também seu corpo na sepultura. Sessenta e quatro anos depois canonizou-o solenemente o papa Clemente VII, fixando sua festa Inocêncio XI no dia 10 de maio [^1]. Venera-se o santo corpo com grande concurso dos fiéis na igreja dos padres dominicanos de Florença, e conservam-se algumas relíquias suas na do colégio da Companhia de Münster.

Santo Epifânio, Bispo e Doutor da Igreja

Nasceu Santo Epifânio na Palestina, no território de Eleuterópolis, por volta do ano do Senhor de 310. Crê-se que seus pais eram cristãos e que assim o educaram desde menino nos princípios de nossa religião. Aficionado desde jovem ao estudo das santas Escrituras, adquiriu um profundo conhecimento delas; e, para penetrar melhor seu sentido, aprendeu a língua hebraica, a egípcia, a siríaca, a grega e a latina.

Levado de seu amor à piedade, ia fazer frequentes visitas aos solitários, para receber em suas conversações instruções salutares; e o exemplo de suas virtudes o moveu tão vivamente que se

resolveu, sendo ainda muito jovem, a abraçar a vida monástica. Pôs em prática esta resolução na Palestina; mas pouco tempo depois passou ao Egito com objeto de viver nos desertos daquele país.

Tendo voltado à Palestina por volta do ano de 333, edificou um mosteiro perto do lugar de seu nascimento. A vida que fazia nosso santo era austeríssima. Algumas pessoas lhe lançaram em rosto que levava demasiado longe os rigores da penitência; mas o santo respondeu: «Deus não nos dará o reino dos céus senão com a condição de que trabalhemos por nossa parte; e que proporção guarda o que podemos fazer nós com a coroa de glória eterna que nos espera?» Às macerações corporais juntava os exercícios de piedade, a perseverança na oração e uma aplicação infatigável ao estudo. Não contente com ler todos os bons livros que se publicavam então, viajou por diferentes províncias, tendo considerado isto como meio muito a propósito para adquirir maior variedade de conhecimentos.

O Senhor havia permitido então que o grande São Hilarião, depois de haver estado escondido vinte e dois anos no deserto, fosse manifestado ao mundo. A fama de suas virtudes e de seus milagres atraía-lhe grande número de discípulos. Santo Epifânio, ainda que muito versado nos caminhos da perfeição, escolheu-o por seu mestre e dirigiu-se por seus conselhos desde o ano 333 até o ano 356. A amizade destes dois santos foi sempre muito estreita, sem que a distância dos lugares pudesse dissolver seu vínculo nem entibiar seu fervor. Parece ser certo que São Hilarião foi o que mais adiante determinou a igreja de Salamina a pedir Santo Epifânio por bispo; e, quando a morte arrebatou o primeiro, consagrou o segundo sua pena a dar a conhecer suas virtudes.

Durante a cruel perseguição que excitaram os arianos contra os católicos, sob o império de Constâncio, Santo Epifânio abandonou muitas vezes seu retiro para voar ao socorro dos que combatiam pela fé católica. Separou-se da comunhão de Eutíquio, bispo de Eleuterópolis, que por miras de política havia entrado no partido destes hereges. Também mostrou muito zelo em precaver os católicos contra os erros que havia descoberto nos escritos de Orígenes.

Retirado em seu mosteiro, era nosso santo o oráculo da Palestina; de todas as partes concorriam a vê-lo, a consultá-lo, e ninguém se apartava de seu lado sem haver recebido os mais acertados conselhos. Sua reputação estendeu-se bem depressa às províncias mais longínquas e, com notícia de suas virtudes, a cidade de Salamina, na ilha de Chipre, elegeu-o por seu bispo por volta do ano 367. Esta dignidade não produziu nenhuma mudança em seu método de vida; vestiu sempre o hábito de monge e até continuou governando seus religiosos, a quem ia visitar de quando em quando. Mas não era tal o apego que tinha a suas observâncias que não soubesse dispensar-se delas por miras de caridade; assim era menos rígida sua abstinência quando se tratava de obsequiar os hóspedes que recebia em sua casa.

Sua caridade para com os pobres carecia de limites; socorria-os com abundantes esmolas, fazendo-se dispensador das suas muitas pessoas piedosas, de cujo número foi Santa Olímpia, que lhe fez donativos muito consideráveis em dinheiro e em propriedades.

A santidade de Epifânio era tão universalmente reconhecida que todos o veneravam e até os próprios hereges não podiam deixar de respeitá-lo. Assim é que na perseguição excitada pelos arianos, protegidos pelo imperador Valente, no ano 371, nosso santo foi quase o único bispo ortodoxo a quem perdoou a heresia naquela parte do império.

Cinco anos depois empreendeu uma viagem a Antioquia, com objeto de procurar a conversão do bispo Vital, que havia caído no apolinarismo; mas desgraçadamente foram infrutuosos os esforços de seu zelo. No ano 382 acompanhou a Roma Paulino, bispo de Antioquia, e ambos se hospedaram em casa de Santa Paula. Na primavera seguinte voltou nosso santo a Salamina; e no ano 385 teve a consolação de receber e ter dez dias em sua companhia a mesma Santa Paula, de caminho para a Palestina.

Estando em Jerusalém no ano de 394, pregou contra o origenismo, em presença do patriarca João, em quem suspeitava certa inclinação a esta heresia: seu discurso foi muito mal recebido pelo patriarca e seus partidários; visto o que, nosso santo retirou-se a Belém e persuadiu São Jerônimo a separar-se da comunhão de João até que desse provas públicas de seu catolicismo. Ao mesmo tempo ordenou de sacerdote Paulino, irmão de São Jerônimo; o que foi origem de novas diferenças com o patriarca de Jerusalém, queixando-se este publicamente de um ato que qualificava de atentado contra seus direitos. Santo Epifânio tratou de justificar-se numa carta que lhe escreveu para esse efeito: «Eu pude, dizia-lhe, ordenar um monge que, na qualidade de estrangeiro, não se reputa pertencer a vossa província. O temor de Deus é o que me fez obrar desta maneira, não me havendo proposto outro fim que a utilidade da Igreja. Não há diversidade de sacerdócio quando se atravessa a caridade de Jesus Cristo. Assim é que eu não desaprovei semelhantes ordenações feitas em minha província. Por que, pois, vos deixais acalorar tanto contra uma ação cujos motivos foram tão puros [^2]?»

Santo Epifânio fez uma viagem a Constantinopla no ano 401. Prevenido ali pelos clamores de Teófilo contra os solitários chamados os Grandes Irmãos, formou um juízo desfavorável deles e os tratou de origenistas. Os grandes irmãos foram visitá-lo, com objeto de explicar-lhe seus verdadeiros sentimentos: «Padre, disseram-lhe, nós desejamos saber se vistes nossos discípulos ou lestes nossos escritos.» «Não», respondeu-lhes o santo. «Pois como, replicou Armônio, um dos solitários, nos julgastes hereges sem ter provas de nossos sentimentos? Não fizemos assim nós; porque muitas vezes encontramos vossos discípulos e lemos vossos escritos, entre outros o *Ancorato*; e, como muitos quisessem criticá-lo e acusar-vos de heresia, tomamos vossa defesa.» Esta reflexão tão justa desarmou Santo Epifânio e foi bastante para que formasse melhor conceito deles. Se o santo, diz o historiador Sócrates, caiu nesta e em outras semelhantes equivocações, deve atribuir-se ao ardor de seu zelo e à singeleza de seu coração; tendo tanto na alma a pureza da fé católica que a sombra só de heresia lhe causava o mais vivo sobressalto. No que toca aos grandes irmãos, assim chamados por sua grande estatura, eram quatro e se nomeavam Dióscoro, Armônio, Eusébio e Eutímio. Haviam abraçado a vida solitária na montanha de Nítria, juntamente com suas irmãs, que viviam num hospício separado. Fizeram-se célebres pela austeridade de sua penitência, pelo fervor e perseverança na oração, e tiveram a honra de sofrer pela consubstancialidade do Verbo.

Não tardou Santo Epifânio em receber o prêmio devido à pureza de sua fé e ao ardor de seu zelo. Havia-se embarcado em Constantinopla para voltar a sua diocese; mas não pôde chegar a Salamina e morreu no caminho no ano 403, aos noventa e três de sua idade e trinta e seis de bispado. Seus discípulos edificaram em Chipre uma igreja sob sua invocação, onde colocaram sua imagem com as de outros muitos santos, e o Senhor honrou seu sepulcro com grande número de milagres. Santo Agostinho, Santo Efrém, São João Damasceno, Fócio e outros fizeram de nosso

santo magníficos elogios, dando-lhe entre outros títulos os de doutor católico, varão admirável, varão cheio do espírito de Deus.

As obras de Santo Epifânio de que temos notícia são: 1º O *Panarion*, ou livro dos antídotos contra todas as heresias; no qual é muito digno de notar-se que Santo Epifânio estabelece a necessidade da tradição, valendo-se dela, assim como da Escritura, para refutar as heresias: pela tradição justifica a prática e aprova a obrigação de orar pelos defuntos [^3]. 2º O *Ancorato*, assim chamado porque é como uma espécie de âncora para fixar os entendimentos na verdadeira fé, seguido da *Anacefaleose*, que é como um compêndio. 3º O tratado dos pesos e medidas, o *Fisiólogo*, ou coleção das propriedades dos animais, e o tratado das pedras preciosas, para a inteligência da Bíblia. 4º Duas *Cartas*, uma dirigida a João, bispo de Jerusalém, de que já falamos, e a outra a São Jerônimo, na qual lhe avisa a condenação de Orígenes por Teófilo de Alexandria. A meados do século passado descobriu-se entre os manuscritos da biblioteca do Vaticano um comentário de nosso santo sobre o livro dos Cantares.

Martirológio Romano

A festa de Santo Antonino, arcebispo de Florença, cuja ditosa morte se celebrou no dia dois deste mês.

Em Roma, na via Latina, os santos mártires Gordiano e Epímaco, dos quais o primeiro, por haver confessado a Jesus Cristo no tempo de Juliano, o Apóstata, foi açoitado longo tempo com chumbadas e depois decapitado. Durante a noite os cristãos enterraram seu corpo sobre a mesma via, numa gruta à qual pouco antes haviam sido trasladadas as relíquias de Santo Epímaco desde Alexandria, onde havia padecido martírio pela fé de Jesus Cristo.

Na terra de Hus, o santo profeta Jó, varão de uma paciência maravilhosa.

Em Roma, São Calepódio, presbítero e mártir, a quem mandou degolar o imperador Alexandre, e ordenou que seu corpo, depois de o haverem arrastado por toda a cidade, o lançassem ao Tibre; mas, tendo-o achado o papa Calisto, mandou dar-lhe sepultura. Também foi decapitado o cônsul Palmácio, com sua mulher, filhos e quarenta e duas pessoas de sua casa, tanto homens como mulheres. O senador Simplício foi condenado ao mesmo suplício com sua mulher, filhos e sessenta e oito pessoas de sua família, igualmente que Félix e Blanda, sua mulher. As cabeças destes santos mártires foram penduradas em diversas portas da cidade para intimidar os cristãos.

Além disso, em Roma, sobre a via Latina, no sítio chamado Cem Salas, a festa dos santos mártires Quarto e Quinto, cujos corpos foram trasladados a Cápua.

Em Lentini, na Sicília, os santos mártires Alfio, Filadelfo e Cirino.

Em Esmirna, São Dioscórides, mártir.

Em Bolonha, o bem-aventurado Nicolau Albergati, religioso cartuxo, bispo desta cidade e cardeal da santa Igreja Romana, ilustre por sua santidade e pelas legações que lhe confiou a Santa Sé; seu corpo foi enterrado na Cartuxa de Florença.

Em Taranto, São Cataldo, bispo, célebre por seus milagres.

Em Milão, a invenção dos santos Nazário e Celso, em memória do dia em que Santo Ambrósio, bispo, tendo achado o corpo de São Nazário coberto com sangue aparentemente fresco, trasladou-o à igreja dos santos Apóstolos, juntamente com o do bem-aventurado Celso, menino, que havia educado aquele santo mártir e a quem o juiz Anolino havia feito decapitar com ele, durante a perseguição de Nero, no dia vinte e oito de julho, dia em que se celebra sua festa.

Em Madri, Santo Isidro, lavrador, canonizado por causa de seus milagres pelo papa Gregório XV, juntamente com os santos Inácio, Francisco, Teresa e Filipe.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Sancti Antonini, Domine, confessoris tui atque pontificis, meritis adjuvemur; ut sicut te in illo mirabilem prædicamus, ita in nos misericordem fuisse gloriemur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ajudem-nos, Senhor, os merecimentos do santo confessor e pontífice Antonino, para que, assim como vos exaltamos admirável em suas virtudes, assim também vos experimentemos misericordioso em nossas necessidades. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 5.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini.*

> *Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«O livro que se intitula o Eclesiástico foi escrito em hebraico por um judeu chamado Jesus, filho de Sirac, no pontificado de Onias III, reinando Ptolomeu Epifânio e Antíoco, e o traduziu em grego um neto do autor, chamado também Jesus, no reinado de Ptolomeu Fiscão, irmão de Ptolomeu Filométor. Afirma São Jerônimo haver visto em seu tempo um exemplar hebraico que se intitulava: livro das Parábolas.»

Reflexões

Deus o glorificou. Não há outra glória verdadeira que a que vem de Deus; e ainda é mister que o mesmo Deus no-la dê. A que os homens solicitam, ou a que se dão uns aos outros, perde todo o mérito e a estima, ou pela malignidade do princípio ou pelo torcido do fim. Todo esse incenso se desvanece como o fumo; e que fica depois do bom cheiro? Não há no mundo coisa mais lisonjeira que o louvor, mas tampouco a há mais frívola nem mais mentirosa. Não é digno dele o que se glorifica a si mesmo, mas aquele a quem glorifica Deus. O verdadeiro mérito por si mesmo resplandece; o fogo e o diamante brilham só com deixar-se ver; as pedras falsas são as que necessitam que as apregoem e que se mostre como com o dedo seu aparente resplendor. Esta é a causa legítima dessas néscias e grosseiras vaidades que inventou o orgulho dos homens para lisonjear sua paixão e para divertir sua própria razão natural, ocultando-lhe a enfadonha vista de sua necessidade e pobreza.

Glorificou-o Deus diante dos reis. Por humildes que sejam os bons, por obscura que seja sua condição ou seu nascimento; por mais que sejam menosprezados, perseguidos e maltratados, a verdadeira virtude faz-se lugar entre os opróbrios e entre o pó; brilha em meio dos obscuros

calabouços e faz valer seus direitos e sua superioridade até sobre o trono. Honra-se sempre a virtude; e se pode dizer que só à virtude propriamente cristã é a quem se honra. Não há homem racional, não há classe nem condição que não se veja obrigada a pagar, por assim dizer, esta espécie de tributo. O natural entono dos grandes não acerta a sustentar-se à vista da doçura e da apacibilidade dos virtuosos. Somente a virtude está isenta de sua desgraça: até a emulação mais maligna, até a mordacidade mais insolente a respeita: bem pode persegui-la e maltratá-la, mas no fundo a estima. E até a perseguição, se se reflete bem, nunca é contra a que se concebe como virtude verdadeira, mas contra a que se representa como falsa; a primeira, nenhuma paixão tem ousadia para denegri-la.

Ó bom Deus! Sendo os homens tão ambiciosos e tão apaixonados de glória, por que não a buscarão onde verdadeiramente se acha? Os empregos mais elevados nem sempre são os mais tranquilos. A grandeza, o esplendor, a autoridade, é certo que exigem honras, impõem obrigações, inspiram respeito e temor; mas o coração e a alma só os ganha a virtude. À santidade todo o mundo se rende. Uma pessoa solidamente virtuosa é honrada, respeitada, estimada, e todos fazem confiança de sua retidão e de sua bondade. E faz-se talvez tanto caso das grandezas humanas? Todos os homens amam a glória; poucos podem aspirar a essas brilhantes fortunas: mas nenhum há que com a graça de Deus não possa ser santo. Pois que objeto mais digno da ambição de um coração cristão! E que loucura a de suspirar por outra glória!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 5.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Do retiro espiritual

Primeiro ponto

Considera que o retiro espiritual, que consiste em passar alguns dias em silêncio e em solidão, longe do tumulto do mundo e do ruído dos negócios, para entregar-se unicamente à consideração das verdades mais importantes da religião e ao grande negócio da salvação eterna; considera, volto a dizer, que este piedoso retiro é entre todos os exercícios de devoção o mais próprio, e até o mais necessário, para converter uma alma, e talvez o único que jamais se pratica inutilmente.

É coisa muito fácil que as verdades mais terríveis da religião não façam mais que uma impressão leve e passageira quando tudo contribui ou a dissipar o espírito ou a estragar o coração; a luz da fé está então meio apagada, e não se deixa perceber bem a voz de Deus entre o estrondo do mundo. Mas quando, retirados do bulício e do tráfego dos negócios, quando, em lugar de tantos falsos brilhos e dessa infinita multidão de objetos enganosos que se nos põem diante, só se oferecem a nossos olhos aquelas imagens que nos fazem quase palpáveis estas terríveis verdades que jamais havíamos penetrado bem e agora as olhamos a boas luzes, como é possível que não façam grande impressão num tempo em que a graça se comunica com maior abundância, o espírito está menos distraído e o coração melhor disposto?

Nunca se comunica a graça com maior abundância; e assim o mesmo retiro já é uma graça preciosíssima. Mas, se Deus nos dispensa sempre tantas graças até em meio do maior tumulto do mundo; se grita, se aperta, se solicita, se corre atrás do pecador, ainda quando o pecador foge dele, que misericórdias não derramará esse mesmo Deus sobre uma alma penitente quando se retira do mundo para buscar seu Salvador, para chorar seus pecados, para desarmar sua justiça e

para aplacar sua ira? Retirar-se-á da solidão aquele misericordiosíssimo Deus que tanto se deixa sentir da alma ainda quando está mais acompanhada e que diz por seu profeta que, ainda quando ela se tenha esquecido dele, ele mesmo a levará à solidão para falar-lhe ao coração?

Experimentam-se no discurso da vida alguns vivos e fervorosos desejos de trabalhar no negócio da salvação; formam-se grandes projetos de conversão nestes como intervalos da razão e da piedade; sai-se de um sermão com o coração altamente penetrado e movido; uma morte repentina, uma desgraça, uma enfermidade, a leitura de algum livro sobressaltam talvez uma consciência que até então se conservava demasiadamente tranquila. Parecia que em certas festas solenes, com motivo daquela confissão e comunhão, estava já concluída a grande obra da conversão e que se ia dar princípio à emenda geral dos costumes; mas o trópego de tantos objetos tentadores, o tumulto da família, a multidão dos negócios que indispensavelmente acompanham o emprego e o estado, as inconstâncias e variações enfadonhas da vida e, sobretudo, a torrente dos maus exemplos, tudo o desvaneceram. O grão era bom, mas caiu entre os espinhos e foi sufocado; ou junto do caminho, e o pisaram ou o comeram as aves do céu. Tudo isto prova, meu Deus, a indispensável necessidade de retirar-se, sem o que é muito difícil converter-se.

Segundo ponto

Considera que não há estado que possa dispensar-nos deste piedoso exercício. Ou viveste inocente e fervoroso ou tiveste a desgraça de abandonar-te às paixões: pois o retiro conserva a inocência e produz quase infalivelmente a conversão. Não parece possível passar, empregar muitos dias na meditação daquelas terríveis verdades que converteram o mundo; não perder de vista o horror da sepultura; baixar com a consideração até aqueles torvelinhos de fogo que a ira de todo um Deus onipotente tem acesos para castigar os pecadores; penetrar bem aquela espantosa eternidade, que é a justa medida dos tormentos que há de padecer uma alma réproba; não parece possível passar exata revista de todas as suas maldades; pôr-se diante daquele abismo de culpas e ter presente tudo o que Jesus Cristo padeceu para satisfazê-las; não parece possível considerar seriamente e com sossego a grande contradição que há entre o que cremos e o que praticamos, entre nossa fé e nossos costumes; comparar as máximas do mundo, que se seguem, com as do Evangelho, que se devem seguir; pensar no pequeno número dos que se salvam e na imensa multidão dos que se condenam: não parece possível, volto a dizer, fazer todas estas salutares reflexões na quietude da solidão, onde tudo conspira a que abramos os olhos para conhecer as coisas como são e para palpar as vaidades do mundo, sem que nos penetrem, sem que nos movam, sem que nos convertam.

Coisa estranha! Todos convêm na importância, e até na necessidade, do retiro; mas poucos encontram lugar nem tempo para retirar-se. As ocupações, os negócios, dizem os mais, absorvem-nos todo o tempo. Acaso o negócio da salvação não é negócio? Pode-se-nos oferecer nunca outro que nos interesse mais nem que seja de maior consequência para nós? Que digo? Temos porventura outro negócio que mereça propriamente tal nome mais que este? Unicamente para trabalhar nele se nos concedeu toda a vida; e julgou Deus que não era mister menos tempo para sair-se bem dele: e nós não achamos tempo para dedicar a ele oito ou dez dias ao cabo do ano. Se nos acomete uma enfermidade, o cuidado da saúde faz-nos esquecer todo outro cuidado; se nos

ameaça o perigo de perder um pleito; se a um parente, se a um amigo se lhe oferece um lance de empenho e perigoso, tudo se arrima, tudo se abandona, monta-se prontamente a cavalo, deixa-se a casa e passam-se meses inteiros em agências e em solicitudes; fecha-se a porta a todo outro negócio e só neste se pensa. Dirás que então o pede a necessidade; pois quê, sair do estado do pecado não será ao menos tão grande necessidade como livrar-se de uma enfermidade perigosa? Não perder o céu não será tão necessário como conservar uma herança? Há negócio que nos interesse mais que a salvação de nossa alma? Retira-se um para ajustar suas contas, para pôr em ordem seus negócios; retira-se para tomar suas medidas, para refletir sobre os meios mais próprios de acertar numa empresa, para conseguir uma pretensão de importância; retira-se ao campo ou encerra-se em sua casa, negando-se às visitas, e tudo isto por negócios temporais; mas pelo da salvação eterna, por minha eterna felicidade, um retiro de oito dias: oh, isso é demasiado! Onde se há de achar tempo para retirar-se oito dias? E depois estranharemos que seja tão pequeno o número dos que se salvam! Depois nos admiraremos de que seja tão crescido o número dos que se condenam!

Conheço, amável Salvador meu, toda a força destas verdades; compreendo bem quão necessário é o retiro, tanto para aproveitar bem os talentos recebidos como para tomar justas medidas em ordem à eternidade. Só confio, Senhor, em vossa misericórdia e espero que se há de assinalar num homem tão vil como eu, especialmente quando tomar todos os meios que me sejam possíveis para agradar-vos.

Jaculatórias

> *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine.* Sl 54.

Fugi do tumulto, afastei-me do bulício e recolhi-me à solidão para meditar as importantes verdades da religião.

> *Quis dabit mihi in solitudine diversorium viatorum, et derelinquam populum meum?* Jr 9.

Quem me disporá na solidão um lugar muito apartado para abandonar este povo e para fugir do meio dele?

Propósitos

1. Entre todos os exercícios de devoção, um dos mais eficazes para converter um pecador, para acender o fervor numa alma e talvez o único remédio eficaz contra a tibieza é o retiro espiritual. Não baixou visivelmente o Espírito Santo senão ao deserto ou ao retiro do cenáculo; e, se Jesus Cristo se retirou só tantas vezes à solidão do monte, foi sem dúvida para ensinar-nos a necessidade que temos de retirar-nos de quando em quando à solidão; pois nela foi também onde o mesmo Senhor deu a provar a três de seus apóstolos uns lampejos antecipados da glória, cumulando-os dos maiores favores. Serve-te deste meio e não deixes passar ano algum sem retirar-te oito ou dez dias a uns exercícios. Tenhas os negócios que tiveres e seja teu emprego o que for, furta o corpo por algum tempo a essas ruidosas ocupações, a essas concorrências perigosas. Uma calentura, um reumatismo, uma enxaqueca te fariam invisível a todos; pois faça-te invisível por alguns dias o cuidado de tua eterna salvação. A semana santa e a de Pentecostes parecem tempo muito a propósito para ocupar-te nestes santos exercícios; mas, enfim, escolhe o que for mais acomodado para ti: e, se não puderes retirar-te a alguma comunidade religiosa, retira-te ao menos em tua casa, que isto parece que já poderás fazer.

2. Uns exercícios sem fruto são prognóstico muito funesto; muito mal está o enfermo quando não fazem efeito algum nele os remédios mais eficazes. Tem presente que o fruto dos exercícios depende em grande parte ou dos fins por que se fazem, ou da disposição com que se entra neles, ou dos meios que se aplicam para fazê-los bem. Os fins que deves propor-te para entrar em exercícios são: primeiro, arranjar as coisas de tua consciência por meio de uma confissão geral, que repare os defeitos das anteriores e tire a necessidade de fazê-la na hora da morte; segundo, reformar a vida; terceiro, arranjar teu proceder no sucessivo; quarto, caminhar eficazmente à perfeição de teu estado. As disposições podem reduzir-se a cinco: primeira, desejo sincero de aproveitar; segunda, grande desconfiança de si mesmo, acompanhada de uma firme confiança em Deus; terceira, um coração liberal para com Deus, determinado a não negar-lhe coisa que lhe peça; quarta, uma suma exatidão em observar a ordem e distribuição de horas que se assinalar nos exercícios; quinta, uma total solidão e perfeito retiro, com uma inteira persuasão da grande necessidade que tens dele. Os meios podem ser: primeiro, uma singular devoção à santíssima Virgem, fazendo-lhe cada dia alguma oração particular para implorar sua proteção; segundo, o uso dos sacramentos; terceiro, um profundo silêncio; quarto, considerar estes exercícios como os últimos que hás de fazer em tua vida e que de certa maneira depende deles tua conversão e salvação.

[^1]: O OCR traz «40 de mayo»; a festa de Santo Antonino é em 10 de maio (assim consta do Martirológio abaixo, que remete ao dia 2 para a morte e ao 10 para a festa). [^2]: Nota do autor: «Da conduta que observou Santo Epifânio nesta ocasião, e mais adiante em Constantinopla, deduz-se que então não se tinham ideias tão exatas como hoje em dia acerca da jurisdição dos bispos fora de suas dioceses; e é que a Igreja não se havia explicado ainda sobre este ponto de disciplina de uma maneira tão explícita como o fez depois. De outro modo não se teria permitido Santo Epifânio conferir ordens em diocese alheia nem teria pregado em Constantinopla sem haver obtido de antemão a licença do arcebispo. Mas o santo cria poder fazer na diocese de outros bispos o que não tomava a mal que estes fizessem na sua.» [^3]: A nota correspondente a esta chamada não aparece no OCR.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:00 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:01 by Admin